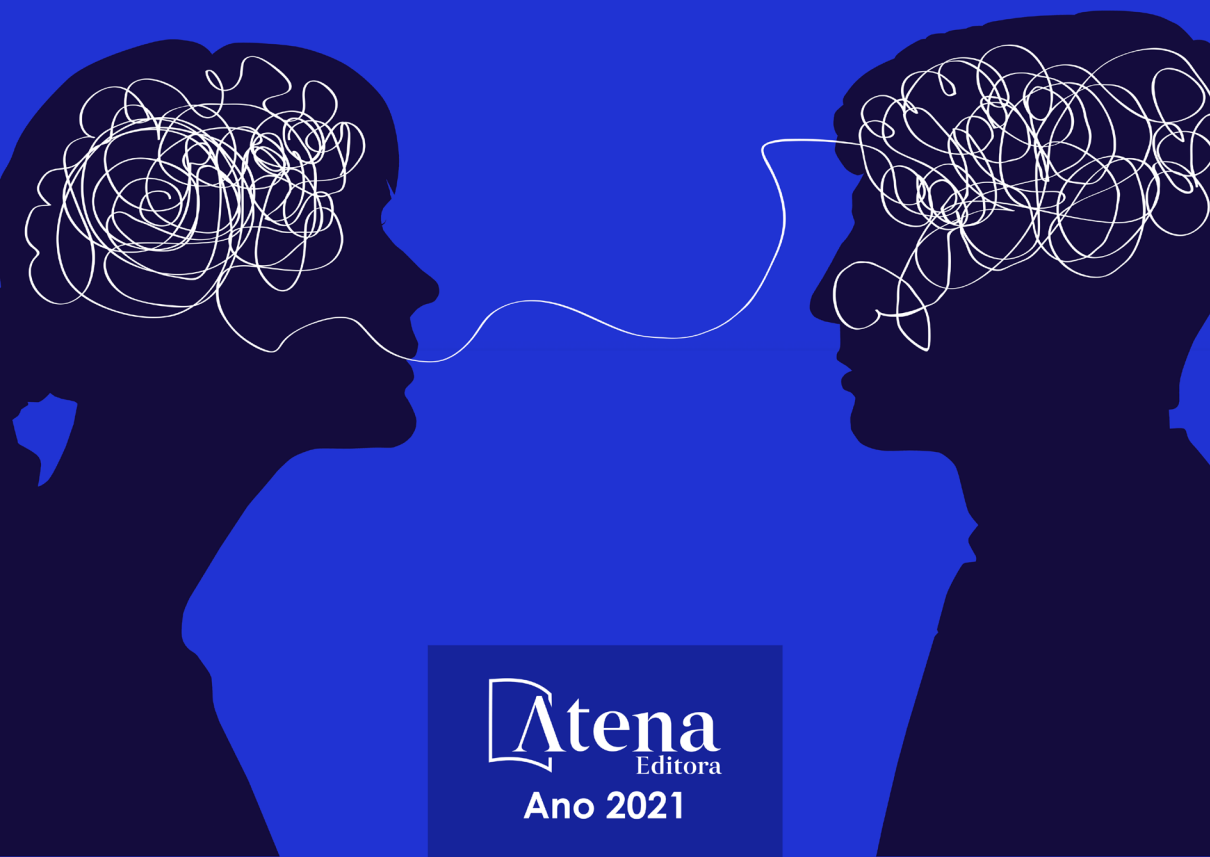


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)

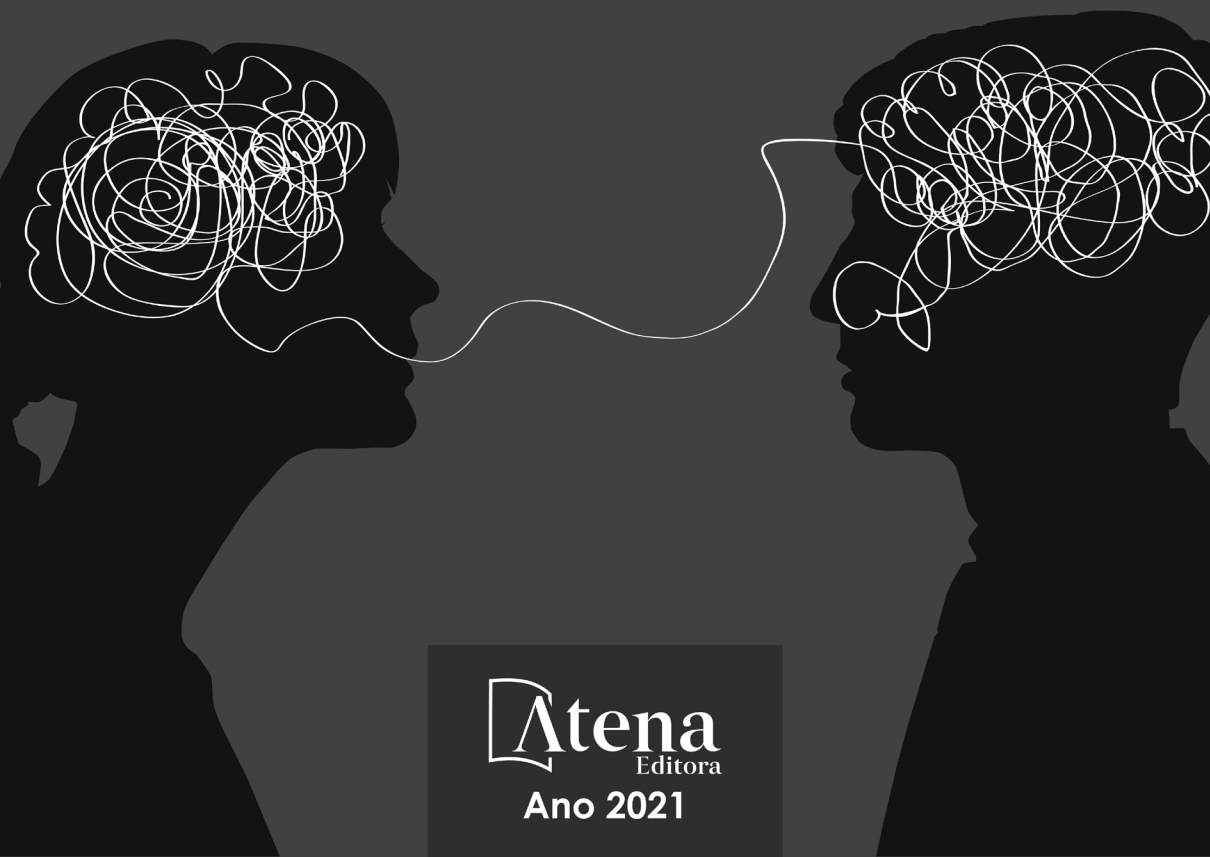


Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^ª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^ª Dr^ª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^ª Dr^ª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^ª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof^ª Dr^ª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^ª Dr^ª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^ª Dr^ª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof^ª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Prof^ª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof^ª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof^ª Dr^ª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Prof^ª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof^ª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Prof^ª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof^ª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof^ª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3 / Organizadoras Fernanda Tonelli, Lilian de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-946-2

DOI 10.22533/at.ed.462213003

1. Linguística. 2. Arte. 3. Literatura. 4. Educação. I. Tonelli, Fernanda (Organizadora). II. Souza, Lilian de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Esta obra concentra discussões sobre práticas e saberes pertencentes às áreas de Arte, de Literatura e de Educação. É composta de vinte e seis capítulos, com discussões (sendo muitas delas interdisciplinares) que perpassam diferentes linguagens do campo artístico, tais como literatura, cinema, música, pintura, performance, quadrinhos, entre outras. A diversidade também está inscrita nas temáticas abordadas por suas autoras e seus autores, que alinham com maestria questões relacionadas à educação, à sociedade e ao sujeito, ao mesmo tempo em que olham para elementos constitutivos da própria linguagem artística.

As discussões suscitadas nesta obra contemplam aspectos de ordem individual e coletiva e nos convidam a refletir sobre o papel da arte e da literatura como proposição, representação e resistência. Diante do quadro de pandemia que nos assola, nos enche de alento ver que arte e literatura continuam a denunciar problemas sociais, como nas discussões aqui apresentadas sobre política, a tríade racismo, machismo e patriarcado e a (des)construção das identidades, o papel dos (anti)monumentos, os embates entre tradição e modernidade e a crítica cultural.

Outrossim, os capítulos que seguem nos mostram ações possíveis ao tratar de ativismo, da presença de cotistas negros na formação docente, do combate à ansiedade na performance musical e da criação de Instaurações Cênicas para o desenvolvimento da saúde mental no período de pandemia. São temáticas tratadas tanto no âmbito educacional quanto vivenciadas no entorno social e que urgem por serem invisibilizadas em uma sociedade cujo silêncio conveniente está disseminado.

Por isso, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos.

Assim, este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em construir coletivamente esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

SUMÁRIO

DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE

CAPÍTULO 1	1
JAZZ, UM ESTRANHO NO NINHO DO SAMBA? (BRASIL, ANOS 1910-1960)	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.4622130031	
CAPÍTULO 2	17
MUSICOLOGIA, RACIALIZAÇÃO E RENATO ALMEIDA	
Jonatha Maximiniano do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.4622130032	
CAPÍTULO 3	25
O MELODRAMA E A METAFICÇÃO NA NARRATIVA FÍLMICA <i>A ROSA PÚRPURA DO CAIRO</i> (1985), DE WOODY ALLEN	
Mariana Alice de Souza Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.4622130033	
CAPÍTULO 4	44
DAS TRIPAS CORAÇÃO: UM GOZO SUPLEMENTAR	
Elisangela Miras	
DOI 10.22533/at.ed.4622130034	
CAPÍTULO 5	50
ARTE E IDEOLOGIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO: O JAZIGO-CAPELA DE JOAQUIM NABUCO EM FOCO	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Seifert Brahm	
Diego Lemos Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.4622130035	
CAPÍTULO 6	66
AS ORIGENS DO <i>SMASH</i> : O PODER DAS ILUSTRAÇÕES QUE DÃO VIDA AO INCRÍVEL HULK	
Alyssa Carolina Barbosa Marques Gedo	
DOI 10.22533/at.ed.4622130036	
CAPÍTULO 7	78
A FIGURAÇÃO DO GROTESCO EM FRANCISCO DE GOYA	
Marianna Bernartt Silva	
Jorge Antonio Berndt	
Valdeci Batista de Melo Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4622130037	

CAPÍTULO 8	91
“MEU NOME É_” - VIDEOINSTALAÇÃO, PERFORMANCE E ESCRITA SOBRE O CORPO EM TRÂNSITO NA CIDADE DE SÃO PAULO	
Talita Caselato	
DOI 10.22533/at.ed.4622130038	
CAPÍTULO 9	101
A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.4622130039	
FACES DA LITERATURA	
CAPÍTULO 10	116
TEMPORALIDADE COMO PROBLEMA HISTÓRICO EM <i>A MONTANHA MÁGICA</i> , DE THOMAS MANN	
Gong Li Cheng	
DOI 10.22533/at.ed.46221300310	
CAPÍTULO 11	133
O LUGAR DA TRADIÇÃO EM UNGULANI BA KA KHOSA	
Carina Marques Duarte	
Renata Domingos Opimi	
DOI 10.22533/at.ed.46221300311	
CAPÍTULO 12	142
AS TRÊS IRMÃS, DE MIA COUTO: ANÁLISE LITERÁRIA	
Wagner Lopes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46221300312	
CAPÍTULO 13	154
ENTRE O CONTINGENTE E O TRANSCENDENTE: UM BREVE ESTUDO DAS OBRAS <i>APARIÇÃO E ALEGRIA BREVE</i> , DE VERGÍLIO FERREIRA	
Maria José Pinto de Carvalho	
Daniele dos Santos Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.46221300313	
CAPÍTULO 14	173
O GUARANI – UM OLHAR PARA O PASSADO PARA A COMPREENSÃO DO PRESENTE	
Monique Berwanger	
Maristella Letícia Selli	
DOI 10.22533/at.ed.46221300314	
CAPÍTULO 15	185
A IRONIA E O SUICÍDIO COMO FIGURAS DE LINGUAGEM NA LITERATURA E NA POÉTICA DE ANA CRISTINA CESAR	
André Luís de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.46221300315	

CAPÍTULO 16.....	201
O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NEGRA NAS PERSONAGENS PECOLA DE “O OLHO MAIS AZUL” E IFEMELU EM “AMERICANAH”	
Bianca de Carvalho Lopes Barros	
DOI 10.22533/at.ed.46221300316	
CAPÍTULO 17.....	208
A EMANCIPAÇÃO DA MULHER NA OBRA “A DIVORCIADA”, DE FRANCISCA CLOTILDE	
Erika Maria Albuquerque Sousa	
Solange Santana Guimarães Morais	
DOI 10.22533/at.ed.46221300317	
CAPÍTULO 18.....	215
O JOGO FICCIONAL E A CONSTRUÇÃO DA CULPA EM <i>O ALIENISTA</i> E <i>A HORA DA ESTRELA</i>	
Angeli Rose do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.46221300318	
EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA	
CAPÍTULO 19.....	229
A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA COMO FORMA DE MANTER A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.46221300319	
CAPÍTULO 20.....	240
A ARTE COMO FORMA DE EXISTIR, RESISTIR E REEXISTIR	
Lucas Bezerra Furtado	
Nara Graça Salles	
DOI 10.22533/at.ed.46221300320	
CAPÍTULO 21.....	247
PSICOLOGIA DA PERFORMANCE – CONTRIBUTOS PARA A SUA INTRODUÇÃO NO CURRÍCULO DO ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO DE MÚSICA EM PORTUGAL	
Catarina de Andrade Silva	
Helena Maria da Silva Santana	
Anabela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.46221300321	
CAPÍTULO 22.....	261
RACISMO NA MÚSICA: UMA PESQUISA SOBRE O RACISMO NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE COTISTAS NEGROS EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA	
Luiz Carlos Vieira Junior	
Rayssa Karoline Rodrigues Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.46221300322	

CAPÍTULO 23	272
IDENTIDADES SOCIAIS FEMININAS EM LETRAS DE FUNK: FRAGMENTAÇÃO E NATURALIZAÇÃO	
Francisca Cordelia Oliveira da Silva	
Milena Fernandes da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.46221300323	
CAPÍTULO 24	291
MATERIAIS EDUCATIVOS E O CONTEXTO PANDÊMICO	
Renan Silva do Espirito Santo	
Ursula Rosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46221300324	
CAPÍTULO 25	296
MEMÓRIAS, APAGAMENTOS E RESISTÊNCIAS: COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS	
Maria Giovanna Walerko Moreira	
Felipe Bernardes Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.46221300325	
CAPÍTULO 26	300
UMA COLCHA PARA O LEITO DOS AUSENTES: MONUMENTOS DE PANO COBREM AS PEDRAS DA CAPITAL AMERICANA	
Victor Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46221300326	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	311
ÍNDICE REMISSIVO	312

IDENTIDADES SOCIAIS FEMININAS EM LETRAS DE FUNK: FRAGMENTAÇÃO E NATURALIZAÇÃO

Data de aceite: 30/03/2021

Francisca Cordelia Oliveira da Silva

UnB

Milena Fernandes da Rocha

UnB

RESUMO: Este artigo analisa letras de músicas ouvidas e dançadas por jovens, que as consomem de forma irrefletida e, assim, naturalizam ideologias sexistas e danosas à constituição de identidades sociais. Para evidenciar essa naturalização, analisaremos as letras: “Show das poderosas” (Anitta), “Beijinho no ombro”, (Valesca Popozuda) e “Garota Recalcada” (MC Ludmilla). A análise baseia-se na Análise de Discurso Crítica e nos modos de operação da ideologia (Thompson, 1995), para desvelar estratégias de fragmentação utilizadas nas representações femininas. Buscamos, como resultados, evidenciar que as letras naturalizam estereótipos negativos e fragmentam o grupo feminino, o que beneficia o grupo hegemônico.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso Crítica. Identidades sociais. Gênero social. Funk.

ABSTRACT: This article looks at letters of musics heard and danced by young people that consume it in a thoughtless way, naturalizing sexist and harmful ideologies to the constitution of social identities. Aiming to show this naturalization, the article will analyze the following letters: “Show das Poderosas” (Anitta), “Beijinho no Ombro”, (Valesca Popozuda) and “Garota Recalcada” (MC Ludmilla). This analysis is based on the Critical Discourse Analysis and the modes of operation of ideology (Thompson, 1995), to unveil fragmentation strategies used in gender representation. The objective is, as a result, to

show that these music letters naturalize negative stereotypes and cause the fragmentation of female group, which benefits the hegemonic group.

KEYWORDS: Critical Discourse Analysis. Social identities. Social gender. Funk.

PARA COMEÇAR...

É fato conhecido que os detentores do poder, histórica e socialmente, usaram como estratégia de dominação o famoso lema “dividir para dominar”. E, mesmo no momento atual, quando essa estratégia poderia ter perdido eficácia por já ter sido muito divulgada, ela ainda é utilizada para fragmentar grupos sociais que poderiam adquirir poder. A estratégia é tão eficiente, que, mesmo olhos e ouvidos atentos e críticos, podem ser ludibriados pela aparente inocência com que os mecanismos são usados para disseminar ideologias que favorecem os grupos hegemônicos.

Em nossa sociedade, essa estratégia aparece em vários aspectos discursivos da vida social. Nesse trabalho, o foco são letras de músicas tocadas *à exaustão em emissoras de rádio e de televisão*, boates, bailes e similares. Elas são ouvidas e dançadas especialmente pelo público jovem, que, em fase de formação intelectual, as consome de forma irrefletida e, com isso, naturaliza processos ideológicos machistas, sexistas, preconceituosos e, por tudo isso, danosos à constituição de identidades

sociais masculinas e, principalmente, femininas.

Para evidenciar a forma como essas ideologias são disseminadas, analisaremos três letras muito populares: *Show das poderosas*, interpretada pela cantora Anitta, *Beijinho no ombro*, cantada por Valesca Popozuda e *Garota Recalcada* da MC Ludmilla, todas pertencentes ao gênero Funk.

A análise baseia-se nos pressupostos da *Análise de Discurso Crítica (ADC)* e nos modos de operação da ideologia, propostos por Thompson (1995), para desvelar as estratégias de Fragmentação utilizadas na representação do ser feminino nas letras acima citadas. Buscamos, como resultados, evidenciar que essas letras naturalizam estereótipos negativos e fragmentam o conjunto social das mulheres para, com isso, deixá-las em situação de divergência, o que beneficia o grupo secularmente hegemônico.

LINGUAGEM, DISCURSO E CRÍTICA SOCIAL

O foco de estudo da ADC são textos e eventos em práticas sociais, por isso ela propõe teoria e método para descrever, interpretar e explicar a linguagem em seu contexto histórico e social, desenvolvendo o seu estudo como forma de prática social para enfrentar as mudanças na vida social (MAGALHÃES, 2003, p. 20). A ADC é um campo de estudos abrangente, pois o discurso, e seu estudo crítico, perpassam muitas áreas do conhecimento, configurando-se como interdisciplinar, multidisciplinar ou transdisciplinar.

Propõe van Dijk (2008, p. 12) que há muitas maneiras de fazer a análise do discurso (análise gramatical, retórica, estilística, semiótica, conversacional...) e que se pode recorrer a diferentes métodos, como observação participante, métodos etnográficos, experimentos e outros. Nessa perspectiva, o discurso não é entendido como “objeto verbal autônomo”, mas como prática social, cultural, histórica e política.

Fairclough (2003) aponta a existência de diálogo interdisciplinar entre a ADC e outras áreas de pesquisa e de conhecimento, o que enriquece os processos de análise das mudanças nos discursos. Propõe que os textos sejam analisados de modo interdisciplinar, articulando diferentes discursos, gêneros e estilos que caracterizam um texto em particular. Tudo isso considerando que os textos são normalmente complexos — *híbridos ou mistos*. Para o autor, a visão interdisciplinar contribui para a análise linguística detalhada de textos: ajuda a mapear fronteiras e mudanças ocorridas em diferentes campos sociais, além de levantar suas diferenças semânticas, lexicais e gramaticais (FAIRCLOUGH, 2003, p. 61).

Para entender o discurso como prática social, é relevante considerar que, conforme Wodak (1998: 12), o termo *discurso* apresenta várias acepções. Para a autora, os conceitos têm em comum o fato de derivarem, em grande parte, dos trabalhos de Foucault. Entretanto, Gouveia (2008: 5) alerta que esse empréstimo não acontece sem alterações conceituais na proposta de Foucault e acrescenta que

Aliada às especificidades teóricas da área para que foi trazida, nomeadamente a validação do conceito de ideologia, que Foucault (1980) rejeita declaradamente, a noção de discurso adquire uma conceptualização diferente, mais precisa, permitindo, assim, que lhe sejam associadas, a partir de categorias independentes, questões de poder e de ideologia.

Assim, ao utilizar o conceito de discurso, é inevitável pensar nos conceitos de poder e de ideologia, fundamentais para a análise aqui empreendida.

Fairclough (2003) entende discursos como modos de representar aspectos do mundo: processos, relações e estruturas materiais; aspectos mentais, sentimentos, crenças. Aspectos particulares do mundo devem ser representados diferentemente; assim, estamos geralmente na posição de precisar considerar a relação entre diferentes discursos. Com isso, diferentes discursos revelam perspectivas diversas do mundo, associadas às relações que as pessoas têm com ele, que dependem de suas posições, identidades e das relações sociais com outros. Ao considerar as letras de Funk aqui analisadas, podemos considerar que esses discursos geram significados que podem ser positivos, se apreciados por uma jovem moradora de favela, de onde o movimento Funk se originou. Para esta jovem, o Funk pode representar um signo de sua comunidade, uma marca cultural do seu meio ou uma forma de a favela falar para o mundo, ainda que apresente um discurso depreciativo sobre a mulher. Assim, verificamos que os discursos das letras dos Funks revelam perspectivas diversas do mundo, porque olhamos para o discurso e para o mundo a partir de um lugar que nos propicia uma leitura, uma recepção.

Além disso, discursos não apenas representam o mundo como ele é (ou como é visto), mas são projetivos, imaginários, prospectivos. As relações entre discursos diferentes são elementos das relações entre pessoas, que podem complementar-se ou competir para mudar os modos como se relacionam.

Ao falar de discursos como diferentes modos de representação, Fairclough (2003) sugere um grau de repetição, pois eles são divididos por grupos de pessoas e pela estabilidade ao longo do tempo. Em qualquer texto, provavelmente, encontraremos diferentes representações de aspectos do mundo. Os discursos, ainda consoante Fairclough (2003), podem ser vistos como combinações de outros discursos articulados de maneiras particulares. Assim, novos discursos emergem da combinação dos existentes em maneiras particulares.

Ainda na ADC, Fairclough (1992) propõe pontos para pensar o discurso e sua relação com a prática social: o discurso é modo de ação sobre o mundo e sobre os outros, e modo de representação; o discurso e a estrutura social relacionam-se dialeticamente; o discurso é moldado e restringido pela estrutura social; os eventos discursivos variam segundo o domínio social ou o quadro institucional em que são gerados; o discurso constitui as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem; o discurso é prática de representação e de significação do mundo, construindo e constituindo

significados.

Os textos, por sua vez, assumem importância central nos eventos sociais, pois provocam mudanças e geram efeitos. Ao pensar no estudo de textos, Hutchins (1997, p.18) complementa o ponto de vista de Fairclough e esclarece que estudar sua estrutura é escolher métodos a serem utilizados. Textos têm efeitos causais mediados pela produção de sentido e um deles é o ideológico. Representações ideológicas reforçam relações de poder e de dominação, por isso a análise textual é também social, ao considerar os textos e seus efeitos nas relações de poder. Assim, ao analisar letras de Funks, estamos analisando a sociedade que as produz, as faz circular, recebe, consome.

As ideologias são postas em ação nas encenações sociais e inculcadas nas identidades dos agentes. Elas têm durabilidade e estabilidade que transcendem textos individuais ou corpos de texto (FAIRCLOUGH, 2003). Portanto, o interesse central da análise de discurso não é o texto, mas o processo de produção de significados, que são produzidos na interação. Para estudá-lo, devemos considerar posição institucional, interesses, valores, intenções, desejos dos produtores; a relação entre os elementos em diferentes níveis de texto; posição institucional, conhecimento, propostas e valores dos receptores.

A literatura a respeito da ADC trata da relação existente entre linguagem, ideologia e poder. Poder é tema recorrente e pode ser entendido de vários modos: poder físico que uma pessoa exerce sobre outra, e formas de poder e de dominação simbólicas, aspecto mais relevante para as pesquisas em ADC. O poder é exercido por meio de uma organização em rede, da qual os sujeitos participam de modo consensual e como elementos de sua articulação. No entanto, não é sempre uma estratégia do mais forte sobre o mais fraco, uma vez que não existe poder sem resistência e que ele permeia todo tipo de relação social (MAGALHÃES, 2003, p.23).

E quando o sujeito se submete ao poder, às suas leis e aos seus regulamentos, é porque sabe que a infração acarreta punição. Assim, “a maior parte do tempo, os homens vão vivendo de uma forma ou de outra com o poder, resignam-se a ele, reconhecem-no. Contudo, será muito apressado concluirmos que a coerção não seja essencial para a obediência” (LEBRUN, 2004, p.17).

Lebrun (2004: 18) chama a atenção para um aspecto dicotômico do poder: “Só podemos o possuir às custas de outra pessoa” ou “o poder que possuo é a contrapartida do fato de que alguém não o possui”. No entanto, ressalta que o poder nem sempre é um “puro limite imposto à liberdade” (LEBRUN, 2004. p. 20), já que ele se faz presente em todos os tipos de relação (econômicas, intelectuais, sexuais e em outras). Desse modo, reitera que não devemos entendê-lo apenas com base em relações binárias: dominado *versus* dominador.

Fairclough (1992a) ressalta que a linguagem ganha espaço no estabelecimento de relações de poder e que é usada como controle e poder. Há necessidade, portanto, de explicitar como a linguagem age a serviço do estabelecimento e da manutenção de formas

de poder. Os estudiosos da ADC, então, têm como objetivo questionar as formas dos textos, seu processo de produção e de leitura, e as estruturas de poder que os permeiam, visando ao desenvolvimento de uma consciência linguística crítica (FAIRCLOUGH, 1992), e é isso que fazemos aqui ao analisar os textos escolhidos. Tendo em vista que a ADC tem como objeto de estudo aspectos discursivos da mudança social contemporânea, evidencia-se a pertinência de analisar letras de músicas amplamente consumidas que naturalizam ideologias, a nosso ver, prejudiciais para a constituição de identidades femininas fortalecidas e para relações sociais entre os gêneros.

A IDEOLOGIA E SEUS MODOS DE OPERAÇÃO

Para analisar a forma como a ideologia perpassa os textos analisados, recorreremos aos modos de operação da ideologia propostos por Thompson (1995).

Assevera Thompson (1995) que quem trabalha com ideologia deve deter-se nos conceitos de sentido e poder, interpretando e contrainterpretando, em um exercício constante, que ocorre no terreno dos símbolos e dos signos, pois “estudar ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 1995, p.76).

Para entender a forma como Thompson (1995) aborda o conceito de ideologias, é preciso discutir o que são Formas Simbólicas (FS), que podem ser definidas como “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (THOMPSON, 1995, p.76). O autor acentua que as FS podem ser não linguísticas ou quase linguísticas, além de serem inseridas em contextos e em processos socialmente estruturados, o que o pesquisador chama de “aspecto contextual das formas simbólicas”.

Thompson (1995, p.81) aponta cinco modos pelos quais a ideologia pode operar. O primeiro é a **Legitimação**: processo de tornar as relações legítimas e dignas de apoio. Pode ocorrer com três tipos de fundamentos: a) **racionais**, fazem apelo à legalidade das regras dadas;b) **tradicionais**, fazem apelo às tradições imemoriais;c) **carismáticos**, apelam ao caráter de uma autoridade.

A Legitimação se processa de três modos:

- **Racionalização**—processo em que produtor, da forma simbólica, constrói uma cadeia de raciocínio que justificará um conjunto de relações ou instituições sociais.
- **Universalização**—forma que se baseia em tentar tornar universais os interesses (particulares, individuais) de alguns indivíduos.
- **Narrativização**—processo que usa histórias sobre o passado que retratam o presente para criar tradições eternas e aceitáveis, reforçando relações de dominação.

O segundo modo de operação da ideologia é a **Dissimulação**—refere-se ao fato de que ocultar, negar ou obscurecer relações de dominação é uma forma de estabelecê-las ou sustentá-las. Pode ocorrer por:

- **Deslocamento** — “um termo costumeiramente usado para se referir a um determinado objeto ou pessoa é usado para se referir a um outro, e com isso as conotações positivas ou negativas do termo são transferidas para o outro objeto ou pessoa” (THOMPSON, 1995, p.83).
- **Eufemização**—processo de atribuir conotação positiva a ações, instituições ou relações sociais.
- **Tropo**—uso figurativo da linguagem ou de formas simbólicas para dissimular relações sociais. Alguns tropos destacados pelo autor são:
 - **Sinédoque**—junção semântica da parte e do todo: usar a parte para se referir ao todo ou vice-versa.
 - **Metonímia**—uso de um termo que ocupa o lugar de um atributo de uma coisa como se fosse a própria coisa. Essa relação pode despertar características positivas ou negativas.
 - **Metáfora**—“implica a aplicação de um termo ou frase a um objeto ou ação à qual ele, literalmente, não pode ser aplicado” (THOMPSON, 1995, p.85).

O terceiro modo é a **Unificação**— consiste em unir indivíduos por meio de uma forma simbólica, tornando-os parte de uma unidade da qual não necessariamente fazem parte, mas da qual passam a acreditar que participam. A **Unificação** pode se manifestar por: **Estandarização ou padronização**, ocorre quando formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão, proposto como aceitável e que, por isso, deve ser partilhado por todos; e **Simbolização da unidade**, “envolve a construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas, que são difundidas através de um grupo ou de uma pluralidade de grupos” (THOMPSON, 1995, p.86).

O quarto modo é a **Fragmentação** —processo que fragmenta os indivíduos que compõem grupos que poderiam ameaçar os grupos dominantes, pois, ao segmentá-los, fica mais fácil dominá-los. Ela se divide em: **Diferenciação**, consiste em enfatizar diferenças e divisões entre pessoas e grupos, desunindo-os e dismantando relações que poderiam ameaçar o poder dominante; e **Expurgo do outro**, envolve a construção de um inimigo, retratado como coletivo, que o grupo deve combater unido. É uma estratégia de união do grupo contra um mal ameaçador.

O quinto modo de operação da ideologia é a **Reificação**—consiste na retratação de uma situação transitória, histórica, como se fosse permanente, natural e atemporal. Baseia-se em retirar do fato o seu caráter histórico e apresentá-lo como permanente. Ela se divide em:

- **Naturalização**—consiste em tornar natural ou inevitável uma criação social.
- **Eternização**—fenômenos históricos e sociais são desprovidos de sua efemeridade e apresentados como permanentes ou eternos.
- **Nominalização**—“acontece quando sentenças, ou parte delas, descrições da ação e dos participantes nelas envolvidos, são transformados em nomes”, dando caráter de acontecimento ao que era ação (THOMPSON, 1995, p. 88).
- **Passivização**—ocorre quando os verbos da voz ativa são colocados na passiva, apagando-se o agente da ação. Assim, os processos tornam-se coisas.

A visão de Thompson sobre ideologia conjuga aspectos das teorias de Louis Althusser e Karl Marx, considerando pontos fundamentais da contemporaneidade: mídia, midiaticização, globalização, pós-modernidade. Neste trabalho, analisaremos as letras das músicas observando, em especial, dois dos modos propostos por Thompson (1995): a Fragmentação e a Naturalização.

IDEOLOGIAS NO FUNK: DIVIDIR E CONQUISTAR

Para começar, é necessário contextualizar as escolhas que engendraram essa pesquisa. Segundo uma pesquisa de opinião realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), que mesclou estratégias metodológicas de natureza quantitativa e qualitativa, o contexto social do Funk é predominantemente masculino, a despeito de os últimos dois Censos Demográficos do IBGE (2000 e 2010) terem apontado uma razão de sexo entre homens e mulheres inferior a 100 nos municípios cariocas, apontando que há mais mulheres que homens nesses locais.

Conforme evidenciado por Caetano (2010), a música constitui a sociedade e é por ela constituída, em uma relação dialética, ou seja, reflete e perpetua ideologias machistas de exclusão da mulher dos espaços de agência e autonomia; o Funk não diverge do padrão observado nos demais gêneros musicais brasileiros: a exclusão da mulher ou o seu acesso dificultado àquela esfera.

Após uma breve leitura da discografia de três funkeiras que alcançaram relativo destaque no mercado de produção, distribuição e consumo do Funk (Tati Quebra-Barraco, Valesca Popozuda e Anitta), é notável a transformação do Funk feminino.

Inicialmente, a mulher viu o Funk como forma de resistência às músicas tradicionalmente cantadas por homens que a colocavam em posição de submissão, subordinação, objeto de desejo e uso. Percebia-se, então, um enfrentamento mulher-homem por meio da “autoproclamação da independência” ou por meio da apropriação de temas e comportamentos socialmente reservados apenas aos homens (sexo e tabus).

Os Funks cantados por mulheres são marcados pela resistência ao patriarcado, de forma geral, e, especificamente, ao marianismo — uma mistura de santidade, de

submissão e de frigidez sexual (HOFSTEDE, 199 *apud* VIEIRA, 2005) — e à *mulheridade*— “conformismo em relação às condutas sexuadas exigidas pela divisão social e sexual do trabalho” (HIRATA *et al.*, 2009, p. 103) —, além de também serem marcados, em parte, pela apropriação da virilidade (HIRATA *et al.*, 2009) — que pode ser compreendida como uma potência (LEBRUN, 2004) — por parte da mulher. Quando havia disputa entre mulheres, era em torno de uma figura masculina, opondo-se a mulher fiel à mulher amante.

A seguir, apresentamos as letras das músicas selecionadas para análise.

Letra 1

Show das poderosas

Prepara, que agora é a hora
Do show das poderosas
Que descem e rebolam
Afrontam as fogosas
Só as que incomodam
Expulsam as invejosas
Que ficam de cara quando toca

Prepara

Se não tá mais à vontade, sai por onde entrei
Quando começo a dançar, eu te enlouqueço, eu sei
Meu exército é pesado, e a gente tem poder
Ameaça coisas do tipo: você!
Vai!

Solta o som, que é pra me ver dançando
Até você vai ficar babando
Para o baile pra me ver dançando
Chama atenção à toa
Perde a linha, fica louca

Letra 2

Beijinho no ombro

Desejo a todas inimigas vida longa
Pra que elas vejam cada dia mais nossa vitória
Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba

Aqui dois papos não se cria e nem faz história

Acredito em Deus e faço ele de escudo
Late mais alto que daqui eu não te escuto
Do camarote quase não dá pra te ver
Tá rachando a cara, tá querendo aparecer

Não sou covarde, já tô pronta pro combate

Keep calm e deixa de recalque

O meu sensor de perigete explodiu

Pega sua inveja e vai pra...

(Rala sua mandada)

Beijinho no ombro pro recalque passar longe
Beijinho no ombro só pras invejosas de plantão
Beijinho no ombro só quem fecha com o bonde
Beijinho no ombro só quem tem disposição

Letra 3

Garota Recalcada

Para com essa coisa garota recalcada
Cachorra da rua a gente pega na porrada
Para com essa coisa garota recalcada
Cachorra da rua a gente pega na porrada

Não tem nada pra fazer tá sentada no portão
Fazendo fofquinha quer arrumar confusão
Quer boné, quer toquinha vai ficar careca
Por causa da fofquinha

Pra você eu não sei, se sou atriz ou coisa assim

Sempre que para, pra bater um papo

Só abre a boca pra fala de mim

já chamou as amiguinhas e vai chegar em mim de bonde

Entra uma na outra disposição vem do sangue
Essa aqui eu que lancei pra tu senti meu poder
Oh sua mandada quem tá falando é MC Beyoncé

Para com essa porra garota recalçada
Cachorra da rua a gente pega na porrada
Para com essa porra garota recalçada
Cachorra da rua a gente pega na porrada

As três músicas tratam da mesma temática: a (eterna) rivalidade feminina. E aqui usamos o termo “eterna” entre parênteses para questionar a validade dessa competitividade secularmente reiterada e naturalizada em discursos e práticas sociais. É claro que, se tomarmos como ponto de partida as letras selecionadas, fica evidente que a rivalidade existe, mas daí afirmar que ela seja *eterna* é um passo que, por enquanto, preferimos não dar.

Na primeira letra, a Fragmentação (processo que fragmenta os indivíduos que compõem grupos que poderiam ameaçar os grupos dominantes) ocorre quando as poderosas são apresentadas em oposição às “outras” (não poderosas). Esse processo ocorre ao longo de toda a composição e pode ser exemplificado com a primeira estrofe.

(1) Prepara, que **agora** é a hora
Do show das poderosas
Que descem e rebolam
Afrontam as fogosas
Só as que incomodam
Expulsam as invejosas
Que ficam de cara quando toca

Poderosas são aquelas que “descem e rebolam” e que afrontam as outras, “fogosas” e “invejosas”. Nesse caso, a separação clara entre dois grupos — poderosas e outras — é realizada por meio das escolhas vocabulares feitas para determinar cada um. Os termos são claramente pertencentes a diferentes campos semânticos: poderosa (positivo) X invejosa (negativo). Com isso, deixam claro que o primeiro grupo é o ideal do segundo, que o inveja. Ademais, em (1), há outro elemento vocabular que merece atenção: *fogosas*. No contexto, as poderosas afrontam as fogosas e esta característica é tida como negativa, associando-se às ideias apresentadas para representar o grupo das outras.

Um ponto que pode ser levantado com base nessa primeira estrofe é a apresentação de um modelo de ideal social a ser alcançado. Nesse caso, o ideal, a característica que insere a poderosa em seu grupo e que desperta a inveja do outro grupo é a forma ousada

de dançar: rebolando e descendo (leia-se, descendo até o chão). Evidencia-se, com a passagem, o reforço —por nós analisado como danoso — da ideia de que mulheres só podem cultivar qualidades ligadas a atributos físicos (corpo esbelto, barriga magra, cabelos lisos ou alisados) e que essa é a única forma que elas teriam para chamar a atenção e para se sobressair sobre as demais; com isso, ganhar destaque e *status* em seu meio social.

A rivalidade proposta pela letra é *expressa ainda por meio dos verbos escolhidos para evidenciá-la, em especial, afrontar, incomodar e expulsar*, termos que podem representar um contexto bélico em que os dois grupos são mostrados como rivais e até como inimigos. Essa temática da oposição bélica entre os grupos permanece na segunda estrofe:

(2) Prepara

Se não tá mais à vontade, sai por onde entrei
Quando começo a dançar, eu te enlouqueço, eu sei
Meu exército é pesado, e a gente tem poder
Ameaça coisas do tipo: Você!

Novamente, o mote da rivalidade inicia-se pelo modo de dançar das poderosas em oposição ao modo de dançar das outras, reforçando características físicas em detrimentos de outros tipos possíveis de qualidades. E mais uma vez a desavença relativa à habilidade de dançar ganha contornos de guerra com a inserção de termos como *exército, poder e ameaça*.

Também é ressaltada a ideia de que as poderosas incomodam: *Se não tá mais à vontade, sai por onde entrei*, reforçando a ideia já introduzida na primeira estrofe de que um grupo deve incomodar o outro. Para o grupo das outras, resta a opção de sair (o que simbolicamente evidencia derrota) ou de enfrentar o exército das poderosas e seu poder. No final, é evidenciado o que está em jogo: *poder*. E, nesse caso, ter poder é ser a dona do espaço destinado à dança e ter força suficiente para ameaçar a outra.

Na terceira e última estrofe, a conquista das poderosas é apresentada: a vitória ao ocupar o centro das atenções, ao ver o baile parar para vê-las, poderosas, dançando. Ao grupo rival sobra a opção de perder a linha, o que, nesse contexto, pode ser entendido como sair do sério, relaxar ou dançar despreocupadamente (mas, em outros contextos, pode ser usado com sentido de faltar com a educação, relaxar ou embriagar-se).

(3) Solta o som, que é pra me ver dançando

Até você vai ficar babando
Para o baile pra me ver dançando
Chama atenção à toa
Perde a linha, fica louca

Esse fechamento evidencia que toda a “batalha” travada tem como finalidade

conquistar a atenção, ser o centro da atenção. E um dos indícios da vitória é verificar que até mesmo o grupo rival voltará sua atenção para as poderosas: *Até você vai ficar babando*. Esse comportamento de rivalidade expresso na letra, de certo modo, é cultivado nas mulheres em vários momentos de sua educação e de sua vida social, profissional e pessoal. Letras como essas naturalizam-se, mostrando-se como reflexo de uma prática social, e até mesmo afirmando implicitamente que é natural ou inevitável agir assim (Naturalização), porque sempre foi assim e sempre será assim (Eternização).

Com isso, a (eterna) rivalidade feminina é reificada sem que as envolvidas nesse processo questionem o porquê de seus comportamentos ou em que medida esses comportamentos são prejudiciais para sua constituição com atores/atrizes sociais críticas, reflexivas e capazes de quebrar esse círculo de ações que as fragmentam e as enfraquece.

Socialmente, a atenção que a mulher deve desejar chamar para si é a masculina. Na letra em análise, contudo, o discurso é esvaziado dessa figura masculina. Essa perspectiva também pode ser alcançada a partir da leitura do verso “até você vai ficar babando”, que, fora do contexto, pode pressupor um interlocutor masculino, cujo interesse sexual é despertado pela dança da mulher; inserido no contexto, todavia, é evidente que o interlocutor do trecho é outra mulher.

Seguindo a mesma linha de composição, em 2013, surge *Beijinho no ombro*. Como a primeira composição, esta letra é construída a partir de uma fragmentação entre dois grupos: o do eu *versus* o das inimigas.

(4) Desejo a todas inimigas vida longa

Pra que elas vejam cada dia mais nossa vitória

Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba

Aqui dois papos não se cria e nem faz história

As escolhas vocabulares da primeira estrofe são fortes evidências da oposição criada a partir da Fragmentação do grupo feminino: *inimigas*, *tiro*, *porrada* e *bomba*. Logo de saída, o termo *inimiga* ressalta a batalha que se configurará.

Na segunda estrofe (5), a animosidade é acirrada quando a inimiga é caracterizada como cachorra: *Late mais alto que daqui eu não te escuto*. E, em oposição, o “Eu” aparece em lugar social privilegiado: o camarote. Este local, na disposição geográfica do baile, é destinado aos que são socialmente destacados ou àqueles que têm poder econômico para custear um local mais reservado, melhor localizado e mais caro.

(5) Acredito em Deus e faço ele de escudo

Late mais alto que daqui eu não te escuto

Do camarote quase não dá pra te ver

Tá rachando a cara, tá querendo aparecer

Merece atenção o conteúdo dos dois primeiros versos da estrofe apresentada em (5), que evidenciam oposição quase maquiavélica: desejar a vida longa à outra, caracterizada como inimiga, para que ela presencie minha vitória e, implicitamente, sofra com isso. No trecho, novamente, aparece uma Fragmentação do grupo feminino, dividido em dois lados opostos: aquele que acredita em Deus, tendo-o como escudo, em oposição ao grupo que late (é animalizado) contra o primeiro.

Ainda com relação a (5), desejamos ressaltar um uso, a nosso ver, lesivo à constituição de identidades femininas individuais ou coletivas: a associação de mulheres com cadelas, expressa em *Late mais alto que daqui eu não te escuto*. Nossa preocupação decorre do fato de nele haver a recorrência ao insulto como forma de caracterizar o outro grupo. Pensamos que todas as letras (das três músicas) indireta e implicitamente constroem o grupo considerado rival de forma insultuosa, mas alguns trechos, como este, extrapolam.

Consideramos, concordando com as postulações de Guimarães (2000), que o insulto, a injúria, as ofensas verbais são legitimadores do lugar do “dominador”, assim como do lugar atribuído, pelo dominador, ao dominado (minorias). Essa visão corrobora as ideias de Thompson (1995), para quem a **Legitimação** é um modo de operação da ideologia que procura tornar legítimas e dignas de apoio relações de dominação.

Em sua pesquisa, Guimarães (2000: 38) registrou várias formas de insulto usadas como ritual para ensinar a subordinação por meio da humilhação. O insulto é, então, de certa forma, um modo de dizer ao “outro” qual é o seu lugar no tecido social. E, com base nisso, podemos questionar: qual o lugar do cachorro (da cadela) expresso no trecho? Que lugar o grupo que se considera dominador atribui ao grupo por ele considerado dominado quando o trata como cachorro/cadela?

(6) Não sou covarde, já tô pronta pro combate

Keep Calm e deixa de recalque

O meu sensor de perigete explodiu

Pega sua inveja e vai pra...

(Rala sua mandada)

Na terceira estrofe (6), o clima bélico é retomado: *já tô pronta pro combate*. A outra é caracterizada como recalçada, o que retoma uma escolha lexical verificada na primeira música, em que a outra é chamada de invejosa. Os dois termos, no contexto, pertencem ao mesmo campo semântico e remetem à atribuição de qualificação negativa da outra. Nesse ponto, as escolhas lexicais se assemelham. Em continuação, o uso do termo *perigete* reforça a oposição, pois, no contexto, tem conotação negativa, embora possa ser usado positivamente. Como conclusão, reaparece a caracterização como invejosa, já introduzida no termo recalçada. Para reforçar a Fragmentação, no primeiro verso, o trecho *Não sou covarde* reforça e evidencia as qualidades do grupo que fala (o Eu/ o Nós) em oposição aos

defeitos da outra: recalçada, perigete e invejosa. Mais uma vez o clima bélico é retomado.

Na conclusão da estrofe, aparece o ponto, a nosso ver, mais explicitamente ofensivo da letra: “Pega sua inveja e vai pra... (Rala sua mandada)”. Nesse trecho, o desejo ofensivo se materializa no xingamento, não claramente cantado/escrito, mas facilmente subentendido, assim como no trecho “sutilmente” apresentado entre parênteses que não é cantado, mas declamado pela cantora ao final da música e que caracteriza o que Thompson (1998) define como Expurgo do outro.

Nessa estrofe, a Fragmentação, por Diferenciação, fica clara na oposição construída entre as que não são covardes e as recalçadas.

(7) Beijinho no ombro pro recalque passar longe
Beijinho no ombro só pras invejosas de plantão
Beijinho no ombro só quem fecha com o bonde
Beijinho no ombro só quem tem disposição

A terceira letra selecionada caminha na mesma temática que as demais e isso se evidencia no título “Garota recalçada” e se desenvolve no restante da letra.

(8) Para com essa coisa garota recalçada
Cachorra da rua a gente pega na porrada
Para com essa coisa garota recalçada
Cachorra da rua a gente pega na porrada

A estrofe (8) anuncia o desenvolvimento do tom e da temática anunciados no título. Os dois primeiros versos são repetidos e, como nos exemplos anteriores, expressam rivalidade evidenciada na escolha vocabular para definir o grupo rival: “garota recalçada”.

O termo “recalçada” é, pois, bastante recorrente nesse universo do Funk. Ao consultá-lo em no dicionário, encontramos as seguintes definições: o termo recalçado, quando no gênero masculino, é definido como insatisfeito, reprimido, desejoso não satisfeito, crítico sem motivo aparente. Quando consultado o termo recalçada, no feminino, a definição é invejosa, reprimida, que se ilude achando que é o que não é e que nunca será. Como se pode perceber, o uso para o gênero feminino ressalta exatamente a rivalidade de que temos tratado neste estudo.

Ainda em (8), precisamos evidenciar a comparação entre a rival e uma cachorra, mas, desta vez, a menção é acentuada por um determinante: “cachorra de rua”. Ao usar o termo “cachorra de rua”, a compositora explicita que sua referência é ao tipo menos qualificado de cachorra: a de rua, que pode ser entendida como sem dono, sem qualificação, que nada vale ou que não interessa a ninguém.

Para completar essa total desqualificação, o verso se completa com a ideia de que “Cachorra da rua a gente pega na porrada”, o que retoma o clima bélico de que já tratamos

nas duas primeiras letras analisadas. Com isso, percebemos que, no contexto, qualquer divergência leva ao conflito direto.

(9) Não tem nada pra fazer tá sentada no portão
Fazendo fofuquinha quer arrumar confusão
Quer boné, quer toquinha vai ficar careca
Por causa da fofuquinha

Em (9), dando continuidade ao clima de duelo *já* iniciado, a letra mais uma vez (des) qualifica o grupo rival: mulheres desocupadas (“Não tem nada pra fazer...”), fofuqueiras (“fazendo fofoca”) e que buscam/se envolvem em encrencas (“quer arrumar confusão”). Em seguida, novamente, o clima bélico é retomado com a ameaça: se faz fofoca vai acabar careca.

(10) Pra você eu não sei, se sou atriz ou coisa assim
Sempre que para, pra bater um papo
Só abre a boca pra fala de mim
já chamou as amiguinhas e vai chegar em mim de bonde

(11) Entra uma na outra disposição vem do sangue
Essa aqui eu que lancei pra tu senti meu poder
Oh sua mandada quem tá falando é MC Beyoncé

Em (10) e em (11), há constatação do clima violento com o emprego de construção que revela a violência decorrente dessas relações de rivalidade. Isso acontece no trecho “já chamou as amiguinhas e vai chegar em mim de bonde”, que se refere ao fato de várias amigas se juntarem (formando o bonde) para enfrentar a rival, e esse enfrentamento, pelo clima anunciado, pode ser físico.

(12) Para com essa porra garota recalcada
Cachorra da rua a gente pega na porrada
Para com essa porra garota recalcada
Cachorra da rua a gente pega na porrada

Por fim, em (12), nova ameaça: o comportamento da outra pode levar ao enfrentamento físico: “Cachorra da rua a gente pega na porrada”.

A convergência dos olhares

Concluídas as análises, desejamos evidenciar os pontos de convergência das identidades sociais construídas nas letras para as mulheres e sobre elas. Antes, apresentamos um quadro comparativo dos três textos analisados.

	Show das poderosas	Beijinho no ombro	Garota recalcada
Animosidade bélica	SIM	SIM	SIM
Baile como cenário da rivalidade	SIM	SIM	NÃO
Menção das OUTRAS como invejosas/recalcadas	SIM	SIM	SIM
OUTRA tratada como cachorra	NÃO	SIM	SIM
Presença de ameaças ao grupo rival	NÃO	SIM	SIM
Rivalidade acentuada entre o EU e as OUTRAS	SIM	SIM	SIM

Quadro 1 – Convergência de temáticas

Embora, nas letras analisadas, a identidade feminina seja constituída com base em uma diferença que se estabelece na pertença a um grupo, observa-se que, em “Show das poderosas” e em “Garota recalcada” é mais frequente a diferenciação em uma escala mais individual, entre o “eu” e o “você”; em “Beijinho no ombro”, a diferenciação evidencia mais recorrentemente o (não) pertencimento a um coletivo, constituindo-se um “nós” em oposição ao “você”.

A despeito dessa diferença, nas letras analisadas, a identidade feminina é constituída com base em uma diferença que se estabelece na pertença a um grupo e na **Diferenciação** com relação ao grupo considerado rival (AS OUTRAS). A Diferenciação enfatiza diferenças e divisões entre pessoas e grupos, o que é feito com a finalidade de desuni-los e de dismantelar relações que poderiam ameaçar o poder dominante. Com isso, há também o **Expurgo do outro**, quando um grupo retrata o outro como inimigo e o entende como um mal que deve ser combatido. O Expurgo do outro fica claro nas ameaças, veladas ou explícitas, ao grupo rival.

Esses são modos de operação da ideologia amplamente utilizados. O paradoxo, no caso em tela, é ver essas estratégias sendo utilizadas por membros de um grupo que, cada vez, têm acesso a formas de entender e de desarmar essas estratégias ideológicas. Quanto à autoria das composições:

- A letra *Show das poderosas* foi composta pela cantora Anitta (aos 22 anos).
- *Beijinho no ombro* foi composta por Wallace Vianna (26 anos), publicitário; e André Vieira (27 anos), analista administrativo.
- *Garota recalcada* foi composta por sua cantora, MC Ludmilla (20 anos).

O que autoria revela é que as letras são produções de homens e mulheres jovens, que expressam posicionamentos muito semelhantes sobre as mulheres em suas composições. Esse dado vai de encontro aos dados de pesquisas que revelam a entrada maciça das

mulheres em vários âmbitos antes destinados majoritariamente aos homens, como o educacional e o profissional. Resta-nos questionar como essa ampliação de horizontes refletirá no posicionamento crítico do grupo feminino frente a manifestações como as aqui analisadas.

Se considerarmos as letras analisadas e o fato de que duas delas foram escritas por mulheres jovens, vemos que a mudança social anunciada nas pesquisas talvez ainda não seja tão fortemente sentida nos discursos veiculados nos ambientes sociais em que os Funks são consumidos.

Ainda considerando as letras analisadas, constatamos que elas reproduzem estereótipos que nos parecem reflexos do olhar e da ideologia hegemônica (masculina) para a mulher e isso acontece mesmo quando elas são escritas por mulheres. Esse fato causa mais estranhamento quando consideramos que, nas favelas cariocas, berço do Funk, o número de mulheres é muito superior ao de homens. Esse descompasso entre o número de homens e mulheres deve-se à morte prematura dos jovens por envolvimento com o tráfico de drogas (CAETANO, 2010). Assim, letras escritas por mulheres, cantadas por mulheres e ouvidas majoritariamente por mulheres reproduzem ideologia sexista que enfraquece a identidade feminina e naturalizam ideologias de fragmentação.

Nesse sentido, é preciso questionar modelos e padrões que reiteradamente educam meninas para pensar que suas qualidades restringem-se a atributos físicos e que essas são as únicas “armas” que elas dispõem para se sobressair socialmente. É preciso que esses modelos ideológicos secularmente repetidos sejam rompidos, que novos padrões sejam desenhados e disseminados, mudando valores e desmantelando essa fragmentação social.

Por fim, reiteramos a ideia inicialmente apresentada de que, como analistas de discurso da vertente crítica, entendemos que o discurso é prática de representação e de significação do mundo e que ele constrói e constitui significados. Nesse diapasão, letras como as que analisamos representam uma visão de mundo sexista e dão significado a práticas que corroboram essa visão (FAIRCLOUGH, 2003). Cantar, dançar, viver o que essas letras expressam é colocar em prática o discurso machista que secularmente diz à mulher qual seu lugar na sociedade e como ela deve se comportar para atender aos anseios e corresponder aos padrões do grupo dominante.

Tudo isso — embora possa ser entendido como prática inocente de expressão de ideias por um grupo jovem e, por isso, pouco comprometido com o que diz — se configura como exercício de poder social e simbólico, em que um grupo constrói sua hegemonia a partir do enfraquecimento de outro(s).

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. 2001. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Lisboa: Presença/Martins Fontes.

CASHMORE, Ellis. 2000. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Summus.

CAETANO, Mariana Gomes. 2010. *A representação feminino no funk em jornais populares do Rio de Janeiro*. Monografia. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, Norman. 1999. *Discourse in late modernity*. Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press.

FAIRCLOUGH, Norman. The Dialectics of Discourse. Disponível em: <www.ling.lancs.ac.uk>. Acesso em: 16 dez. 2008.

_____. Criticaldiscourseanalysis. Disponível em: <www.ling.lancs.ac.uk/profiles>. Acesso em: 26 mar. 2008.

_____. 2006. *Language and globalization*. London: Routledge.

_____. 2003. *Critical discourse analysis in transdisciplinary research*. In: WODAK, Ruth. *Analysing Discourse. Textual analysis for social research*. London, New York: Routledge.

_____. 2001. *A Análise Crítica do Discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades*. In: MAGALHÃES, Célia (Org.). *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdades de Letras, UFMG.

_____. 2000. *New labor, new language?* London: Routledge.

_____. 1998. "Discurso, mudança e hegemonia" In: PEDRO, E. R. *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminho.

_____. 1995. *Media discourse*. Nova York: Arnold.

_____. 1996. *Technologisation of discourse*. In: CALDAS-COULTHARD, C. R; COULTHARD, M. (Org.). *Texts and practices. Readings in Critical Discourse Analysis*. London/New York: Routledge.

_____. 1992a. (Ed.). *Critical language awareness*. London: Longman.

_____. 1992. *Discourse and social change*. [S.l.]: Polity Press.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. 2008. *Configurações do Mercado do Funk no Rio de Janeiro*. Escola Superior de Ciências Sociais – CPDOC FGV; Laboratório de Pesquisa Social Aplicada – FGV Opinião.

GOUVEIA, Carlos. *Análise Crítica de Discurso: enquadramento histórico*. Disponível em: <<http://www.fl.ul.pt/pessoais/cgouveia/producao.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2008.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. 2000. *O insulto racial: as ofensas verbais registradas em queixas de discriminação*. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 38, Rio de Janeiro, Universidade Candido Mendes.

HIRATA, Helena et al. (orgs.). 2009. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Ed. UNESP.

HUTCHINS, John. 1997. On the structure of scientific texts. UEA Papers in Linguistics 5. September. Norwich: The LibraryUniversityofEastAnglia.

LEBRUN, Gérard. 2004. *O que é poder*. São Paulo: Brasiliense.

MAGALHÃES, Izabel. 2003. Análisis crítico del discurso e ideología de gênero en la constitución brasilina. In: BERARDI, Leda (Compiladora). *Análisis Crítico del Discurso*. Barcelona: Frasis.

SILVA, Francisca Cordelia Oliveira da. 2005. *A representação da raça negra no Brasil: ideologia e identidades*. Dissertação (Mestrado)—Universidade de Brasília, Brasília.

_____. 2009. O uso de metáforas e a construção de identidades étnicas. In: VIEIRA, Josenia Antunes et al. *Olhares em Análise de Discurso Crítica*. Brasília: CEPADIC.

THOMPSON, John. 1995. *Ideologia e cultura moderna*. Rio de Janeiro: Vozes.

VAN DIJK, Teun A. 2008. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto.

_____. 1997. *Ideology: a multidisciplinary study*. London: Sage.

VIEIRA, Fernando. Compositores de 'Beijinho no ombro', que virou hit na voz de Valesca Popozuda, comemoram sucesso. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/compositores-de-beijinho-no-ombro-que-virou-hit-na-voz-de-valesca-popozuda-comemoram-sucesso-14412070>>. Acesso em 26 ago. 2015

VIEIRA, Josenia Antunes. 2002. As abordagens críticas e não-críticas em Análise de Discurso. In: SILVA, D. E. G.; VIEIRA, J. A. (Org.). *Análise de Discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Universidade de Brasília/Oficina Editorial do Instituto de Letras/Editora Plano.

_____. 2005. A Identidade da Mulher na Modernidade. Delta, São Paulo, v. 21, p. 207-238. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502005000300012&script=sci_arttext>. Acesso em 7 set. 2015.

WOODAK, Ruth. 1998. "Círculos específicos" e discurso anti-semita: a construção do discurso do "outro". In: PEDRO, Emília R. (Org.). *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminho.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegria breve 154, 155, 156, 157, 159, 160, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172

Alheamento à tradição 133

Ana Cristina Cesar 185, 186, 188, 191, 198, 199

A rosa púrpura do Cairo 25, 27, 34, 35, 39, 40, 41, 42

Ativismo 296, 300, 310

C

Cinema 3, 5, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 98, 99, 129, 130, 200

Contaçon de histórias 215, 216

Cotas raciais 261, 263, 264

D

Distanciamento social 291, 292

E

Educaçon musical 261, 262, 264, 265, 270

Emancipaçon 5, 39, 131, 208, 211, 212, 213, 214, 303

Etnomusicologia 261, 262, 270

Existencialismo 154, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 172

F

Formaçon inicial de professores 261, 265

G

Goya 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90

H

História da música brasileira 17, 24

Histórias em quadrinhos 34, 66, 68, 69, 72

HIV/AIDS 300, 304

I

Identidade nacional 1, 4, 18, 174

Instauraçon cênica 240, 242, 244, 246

Interseccionalidade 201, 203, 205, 206

J

Joaquim Nabuco 50, 51, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64

Jogo ficcional 215, 216, 217, 221, 225

José de Alencar 173, 174, 176, 178, 179, 182, 183

Judith Butler 173

L

LGBT 300, 301, 302, 309

Literatura africana 143

Literatura portuguesa 159

M

Machismo 173, 183

Melodrama 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 39, 40, 41, 43

Mia Couto 142, 143, 148

Moçambique 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 148

Monumentos 51, 52, 53, 61, 64, 196, 300, 306, 307, 309

Morte 31, 51, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 104, 119, 125, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 149, 150, 151, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 170, 171, 181, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 209, 225, 226, 288, 304, 305, 308

Mulheres 44, 46, 47, 60, 101, 102, 103, 108, 111, 167, 170, 171, 173, 174, 177, 183, 186, 202, 203, 205, 206, 208, 209, 211, 213, 214, 231, 234, 273, 278, 279, 282, 283, 284, 286, 287, 288, 302, 303

N

Nacionalismo 1, 3, 4, 7, 10, 12, 14, 139

NAMES Project AIDS Memorial Quilt 300, 303, 305, 309

P

Patriarcalismo 173, 212, 213

Percepção visual 66, 78, 79, 88

Período pós-independência 133, 137, 138

Pertencimento 140, 201, 206, 229, 230, 234, 236, 238, 267, 287

Programa de intervenção 247

Psicanálise 44, 49, 114, 220, 238, 240, 241, 242, 246

Psicologia da performance 247, 251, 260

R

Racialização 17, 18, 23

Racismo 24, 202, 204, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 302, 304

Realismo 32, 148, 154, 226

Relações de gênero 173

Renato Almeida 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24

Resistência 3, 101, 102, 103, 104, 106, 114, 120, 136, 138, 174, 181, 232, 235, 236, 240, 242, 246, 275, 278, 302, 310

Romance indianista 173

S

Santo Amaro 50, 51, 53, 55, 57, 58, 61, 63, 64, 65

Simone de Beauvoir 173, 182

Super-heróis 66, 67, 68, 75

U

Ungulani Ba Ka Khosa 133, 134, 138, 139, 140

V

Vergílio Ferreira 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 165, 171, 172

Vida 9, 14, 19, 20, 21, 26, 27, 31, 34, 41, 46, 48, 52, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 76, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 121, 125, 127, 129, 130, 135, 136, 143, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 212, 213, 217, 221, 224, 225, 226, 227, 232, 238, 242, 243, 244, 245, 247, 250, 266, 269, 272, 273, 279, 283, 284, 297, 301, 302, 303, 306, 308

W

Woody Allen 25, 26, 27, 33, 34, 39, 40, 41, 42

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021